

II.3. Un barocco periferico tra culturanesimo e concettismo

Testo 3.3 **António Vieira, [L'arte del predicare] dal *Sermão da Sexagésima* (1655), in *Sermões do padre António Vieira*, edição de Margarida Vieira Mendes., Editorial comunicação, Lisboa, 1982, pp. 130-131; 162-163; 163; 168-170; 170-172.**

Nell'*editio princeps* (1679), il sermone della *Sexagésima* apre la serie dei quindici volumi quasi a mo' di manifesto teorico che funziona come prima esposizione del «metodo portoghese di predicare» (secondo la classica definizione di Aníbal Pinto de Castro). Una vera e propria "grammatica" della predicazione che fonda le sue leggi sulle tradizionali divisioni dell'arte retorica (la persona, la scienza, la materia, lo stile, la voce) in vista tuttavia di un fine, a un tempo, didattico (esempio per gli altri predicatori gesuiti) e parenetico (esortativo per gli ascoltatori-peccatori). Se è vero che la struttura del sermone deve rispettare certe regole interne, lo stile della prosa ingegnosa – in questo senso, sì barocca, perché utilizza ogni mezzo (retorico, allegorico, formalistico) per raggiungere sempre un fine – ha fatto dire a Pessoa che Vieira è l'«imperatore della lingua portoghese». In vero, il «desempenho», lo scioglimento del tema non consisteva tanto in un commento morale e dottrinario sostenuto dal buon senso bensì dalla costruzione di una struttura argomentativa (che i critici chiamano «una geometria decorativa») che a partire dalla fissazione di un termine, della sua pretesa etimologia, dalla posizione, dalla composizione delle lettere e delle sillabe, permette di accedere – attraverso una interpretazione allegorica, anagogica – alla verità del discorso. La concezione provvidenzialista della lingua presuppone una relazione essenziale e non convenzionale fra la parola e la cosa significata, come è dimostrato dall'esercizio retorico-stilistico e epistemologico a cui Vieira piega l'espressione evangelica *semen est verbum dei*. L'attività discorsiva dei sermoni di Vieira si intende solo nell'ambito dell'epistemologia preclassica di cui parla Michel Foucault, allorché il compito del predicatore è quello di cercare un linguaggio segreto tra le cose, un linguaggio deposto da Dio nell'ordine naturale delle cose.

PREGADO NA CAPELA REAL

*Este Sermão pregou o Autor no ano
de 1655 vindo da Missão do Maranhão,
onde achou as dificuldades que nele se
apontam: as quais vencidas, com novas
ordens Reais voltou logo para a mesma Missão.*

Semen est Verbum Dei. (LUC., 8)

I

[...] Quando Cristo mandou pregar os apóstolos pelo mundo, disse-lhes desta maneira: *Euntes in mundum universum, praedicate omni creaturae*: Ide, e pregai a toda a criatura. Como assim, Senhor? Os animais não são criaturas? As árvores não são criaturas? As pedras não são criaturas? Pois hão os Apóstolos de pregar às pedras? Hão-de pregar aos troncos? Hão-de pregar aos animais? Sim, diz S. Gregório, depois de S. Agostinho. Porque como os Apóstolos iam pregar a todas as nações do mundo, muitas delas bárbaras e incultas, haviam de achar os homens

degenerados em todas as espécies de criaturas: haviam de achar homens homens, haviam de achar homens brutos, haviam de achar homens troncos, haviam de achar homens pedras. E quando os Pregadores Evangélicos vão pregar a toda a criatura, que se armem contra eles todas as criaturas? Grande desgraça!

Mas ainda a do sementeiro do nosso Evangelho não foi a maior. A maior é a que se tem experimentado na seara aonde eu fui, e para onde venho. Tudo o que aqui padeceu o trigo, padeceram lá os semeadores. Se bem advertirdes, houve aqui trigo mirrado, trigo afogado, trigo comido e trigo pisado. Trigo mirrado: *Natum aruit, quia non habebat humorem*; trigo afogado: *Exortae spinae suffocaverunt illud*; trigo comido: *Volucres caeli comederunt illud*; trigo pisado: *Conculcatum est*. Tudo isto padeceram os semeadores Evangélicos da Missão do Maranhão de doze anos a esta parte. Houve Missionários afogados, porque uns se afogaram na boca do grande Rio das Amazonas; houve Missionários comidos, porque a outros comeram os bárbaros na Ilha dos Aroãs; houve Missionários mirrados, porque tais tornaram os da jornada dos Tocantins, mirrados da fome e da doença, onde tal houve, que, andando vinte e dois dias perdido nas brenhas, matou somente a sede com o orvalho que lambia das folhas. Vede se lhe quadra bem o *Natum aruit, quia non habebat humorem*? E que sobre mirrados, sobre afogados, sobre comidos, ainda se vejam pisados e perseguidos dos homens: *Conculcatum est*! Não me queixo nem o digo, Senhor, pelos semeadores; só pela seara o digo, só pela seara o sinto. Para os semeadores, isto são glórias: mirrados sim, mas por amor de vós mirrados; afogados sim, mas por amor de vós afogados; comidos sim, mas por amor de vós comidos; pisados e perseguidos sim, mas por amor de vós perseguidos e pisados. [...]

VIII

[...] Em conclusão que a causa de não fazerem hoje fruto os pregadores com a palavra de Deus, nem é circunstância da Pessoa: *Qui seminat*; nem a do Estilo: *seminare*; nem a da Matéria: *semen*; nem a da Ciência: *suum*; nem a da Voz: *Clamabat*. Moisés tinha fraca voz; Amós tinha grosseiro estilo, Salomão multiplicava e variava os assuntos, Balaão não tinha exemplo de vida; o seu animal não tinha ciência; e contudo todos estes, falando, persuadiam e convenciam. Pois se nenhuma destas razões que discorreremos, nem todas elas juntas, são a causa principal, nem bastante, do pouco fruto que hoje faz a palavra de Deus, qual diremos finalmente que é a verdadeira causa?

IX

As palavras que tomei por Tema o dizem: *Semen est Verbum Dei*. Sabeis, (Cristãos), a causa por que se faz hoje tão pouco fruto com tantas pregações? – É porque as palavras dos pregadores são palavras, mas não são palavras de Deus. Falo do que ordinariamente se ouve. A palavra de Deus (como dizia) é tão poderosa e tão eficaz, que não só na boa terra faz fruto, mas até nas pedras e nos espinhos nasce. Mas se as palavras dos pregadores não são palavras de Deus, que muito que não tenham a eficácia e os efeitos da palavra de Deus? [...]

Miseráveis de nós e miseráveis dos nossos tempos, pois neles se veio a cumprir a profecia de S. Paulo: *Erit tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt*: Virá tempo, diz S. Paulo, em que os homens não sofrerão a doutrina sã. *Sed ad sua desideria coacervabunt sibi magistros prurientes auribus*. Mas para seu apetite terão grande número de pregadores feitos a montão, e sem escolha, os quais não façam mais que adular-lhes as orelhas: *A veritate quidem auditum avertent, ad fabulas*

autem convertentur: Fecharão os ouvidos à verdade, e abri-los-ão às fábulas. *Fábula* tem duas significações: quer dizer fingimento, e quer dizer comédia; e tudo são muitas pregações deste tempo. São fingimento, porque são subtilezas e pensamentos aéreos sem fundamento de verdade; são comédia, porque os ouvintes vêm à pregação como à comédia; e há pregadores que vêm ao púlpito como comediantes. Uma das felicidades que se contava entre as do tempo presente, era acabarem-se as comédias em Portugal; mas não foi assim. Não se acabaram, mudaram-se; passaram-se do teatro ao púlpito. Não cuideis que encareço em chamar comédias a muitas pregações das que hoje se usam. Tomara ter aqui as comédias de Plauto, de Terêncio, de Sêneca, e veríeis se não acháveis nelas muitos desenganos da vida e vaidade do mundo, muitos pontos de doutrina moral, muito mais verdadeiros e muito mais sólidos, do que hoje se ouvem nos púlpitos. Grande miséria por certo, que se achem maiores documentos para a vida nos versos de um poeta profano e gentio, que nas pregações de um orador cristão, e muitas vezes, sobre cristão, religioso!

Pouco disse S. Paulo em lhe chamar comédia, porque muitos sermões há que não são comédia, são farsa. Sobe talvez ao púlpito um pregador dos que professam ser mortos ao Mundo, vestido ou amortalhado em um hábito de penitência (que todos, mais ou menos ásperos, são de penitência; e todos, desde o dia que os professamos, mortaldas); a vista é de horror, o nome de reverência, a matéria de compunção, a dignidade de oráculo, o lugar e a expectativa de silêncio; e quando este se rompeu, que é o que se ouve? Se neste auditório estivesse um estrangeiro que nos não conhecesse e visse entrar este homem a falar em público naqueles trajos e em tal lugar, cuidaria que havia de ouvir uma trombeta do Céu, que cada palavra sua havia de ser um raio para os corações, que havia de pregar com o zelo e com o fervor de um Elias, que com a voz, com o gesto e com as acções, havia de fazer em pó e em cinza os vícios. Isto havia de cuidar o estrangeiro. E nós que é o que vemos? – Vemos sair da boca daquele homem, assim naqueles trajos, uma voz muito afectada e muito polida, e logo começar com muito desgarrado, a quê? – A motivar desvelos, a acreditar empenhos, a requintar finezas, a lisonjear precipícios, a brilhar auroras, a derreter cristais, a desmaiar jasmins, a tocar primaveras, e outras mil indignidades destas. Não é isto farsa a mais digna de riso, se não fora tanto para chorar? Na comédia o rei veste como rei e fala como rei, o lacão veste como lacão e fala como lacão, o rústico veste como rústico e fala como rústico; mas um pregador, vestir como religioso e falar, como... não o quero dizer por reverência do lugar. Já que o púlpito é teatro, e o sermão comédia, sequer não faremos bem a figura? Não dirão as palavras com o vestido e com o ofício? Assim pregava S. Paulo, assim pregavam aqueles Patriarcas que se vestiram e nos vestiram destes hábitos? Não louvamos e não admiramos o seu pregar? Não nos prezamos de seus filhos? Pois porque os não imitamos? Porque não pregamos como eles pregavam? Neste mesmo púlpito pregou S. Francisco Xavier, neste mesmo púlpito pregou S. Francisco de Borja, e eu que tenho o mesmo hábito, porque não pregarei a sua doutrina, já que me falta o seu espírito?

X

Dir-me-eis o que a mim me dizem, e o que já tenho experimentado, que se pregamos assim, zombam de nós os ouvintes, e não gostam de ouvir. Oh boa razão para um servo de Jesus Cristo! Zombem e não gostem embora, e façamos nós nosso ofício. A doutrina de que eles zombam, a doutrina que eles desestimam, essa é a

que lhes devemos pregar, e por isso mesmo, porque é a mais proveitosa e a que mais hão mister. [...]

Pois o gostarem ou não gostarem os ouvintes! Oh que advertência tão indigna! Que médico há que repare no gosto do enfermo, quando trata de lhe dar saúde? Sarem e não gostem; salvem-se e amargue-lhes que para isso somos médicos das almas. Quais vos parece que são as pedras sobre que caiu parte do trigo do Evangelho? Explicando Cristo a Parábola, diz, que as pedras são aqueles que ouvem a pregação com gusto: *Hi sunt, qui cum gaudio suscipiunt verbum*. Pois será bem que os ouvintes gostem e que no cabo fiquem pedras? Não gostem e abrandem-se; não gostem e quebrem-se; não gostem e frutifiquem. Este é o modo com que frutificou o trigo que caiu na boa terra: *Et fructum afferunt in patientia*, conclui Cristo. [...]

PREDICATO NELLA CAPPELLA REALE

*Questo Sermone ha predicato l'Autore nell'anno
1655 tornando dalla Missione del Maranhão,
dove ha incontrato le difficoltà che in questo si
annoverano: queste furono vinte e con nuovi
ordini Reali è tornato subito nella stessa Missione.*

Semen est Verbum Dei. (Luca 8,11)

I

Quando Cristo inviò gli apostoli a predicare per il mondo, disse loro così: *Euntes in mundum universum, praedicate omni creaturae*: Andate, e predicate a tutte le creature. Come mai, Signore? Gli animali non sono creature? Gli alberi non sono creature? Le pietre non sono creature? Ma quindi gli Apostoli devono predicare alle pietre? Devono predicare ai tronchi? Devono predicare agli animali? Sì, dice san Gregorio, dopo sant'Agostino. Perché siccome gli Apostoli andavano a predicare in tutte le nazioni del mondo, molte delle quali barbare e incolte, avrebbero trovato gli uomini degenerati in tutte le specie di creature: avrebbero trovato uomini uomini, avrebbero trovato uomini bruti, avrebbero trovato uomini tronchi, avrebbero trovato uomini pietre. E quando i predicatori evangelici vanno a predicare a tutte le creature, che si rivoltino contro di loro tutte le creature? Grande disgrazia!

Ma quella del seminatore del nostro Vangelo non è stata la peggiore. La peggiore è quella provata nella messe dove sono andato, e da dove vengo. Tutto ciò che il grano ha sofferto qui, l'hanno patito là i seminatori. Se ci fate caso, c'è stato qui grano rinsecchito, grano soffocato, grano mangiato e grano calpestato. Grano rinsecchito: *Natum aruit, quia non habebat humorem*; grano soffocato: *Exortae spinae suffocaverunt illud*; grano mangiato: *Volucres caeli comederunt illud*; grano calpestato: *Conculcatum est*. Tutto questo hanno patito i seminatori evangelici della Missione del Maranhão da dodici anni a questa parte. Ci sono stati missionari affogati, perché alcuni sono annegati alla foce del grande Rio delle Amazzoni; ci sono stati missionari mangiati, perché alcuni li hanno mangiati i barbari nell'Ilha dos Aroás; ci sono stati missionari rinsecchiti, perché così sono tornati quelli del viaggio ai Tocantins, rinsecchiti dalla fame e dalla malattia, vi fu qualcuno, che, camminando per ventidue giorni perso nella giungla, placò la sete solo con la rugiada che leccava dalle foglie. Decidete se gli si addice il *Natum aruit, quia non habebat humorem*! E che oltre rinsecchiti, affogati, mangiati, si vedano inoltre calpestati e perseguitati dagli uomini: *Conculcatum est*! Non mi lamento né lo dico, Signore, per i seminatori; lo dico solo per la messe, solo per la messe soffro. Per i seminatori, questa è la gloria: rinsecchiti sì, ma rinsecchiti per amore vostro; affogati sì, ma affogati per amore vostro; mangiati sì, ma

mangiati per amore vostro; calpestati e perseguitati sì, ma calpestati e perseguitati per amore vostro. [...]

VIII

[...] Concludendo, la causa per cui oggi i predicatori non raccolgono frutti con la parola di Dio, non è la condizione della persona: *Qui seminat*; né lo stile: *seminare*; né la materia: *semen*; né la Scienza: *suum*; né la voce: *Clamabat*. Mosé aveva la voce debole; Amos aveva uno stile grossolano, Salomone moltiplicava e variava gli argomenti, Balaam non dava esempio di vita; il suo animale non aveva scienza; ciò nonostante tutti questi, parlando, persuadevano e convincevano. E allora se nessuna di queste ragioni di cui abbiamo parlato, neanche tutte insieme sono la causa principale, né sufficiente, dello scarso frutto che oggi la parola di Dio produce, quale diremo infine che è la vera causa?

IX

Le parole che ho scelto per tema lo dicono: *Semen est Verbum Dei*. Sapete, (Cristiani), il motivo per cui si raccoglie oggi così poco frutto con tante prediche? È perché le parole dei predicatori sono parole, ma non sono parole di Dio. Parlo di ciò che abitualmente si ascolta. La parola di Dio (come dicevo) è così poderosa e così efficace, che non solo fa frutto nella buona terra, ma nasce anche nelle pietre e nei rovi. Ma se le parole dei predicatori non sono parole di Dio, che non abbiano l'efficacia e gli effetti della parola di Dio? [...]

Miserabili noi e miserabili i nostri tempi, poiché in essi venne ad adempiersi la profezia di San Paolo: *Erit tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt*: Verrà un tempo, dice San Paolo, in cui gli uomini non sopporteranno la sana dottrina. *Sed ad sua desideria coacervabunt sibi magistros prurientes auribus*. Ma per il loro appetito avranno un grande numero di predicatori fatti massa, e senza scelta, i quali non fanno altro che adulargli le orecchie: *A veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur*: Chiuderanno le orecchie alla verità, e li apriranno alle favole. Fabula ha due significati: vuol dire finzione, e vuol dire commedia; e così sono molte prediche di questo tempo. Sono finzioni, perché sono sottigliezze e pensieri fumosi senza fondamento di verità; sono commedia, perché gli ascoltatori vengono alla predica come a teatro; e ci sono predicatori che vengono al pulpito come commedianti. Una delle fortune del tempo presente, si raccontava, è che le commedie, in Portogallo, erano finite; ma non è così. Non sono finite, si sono trasferite; sono passate dal teatro al pulpito. Non crediate che io esageri nel chiamare commedie molte prediche di oggi. Magari aveste qui le commedie di Plauto, di Terenzio, di Seneca, e vedreste se non trovereste in esse molte ammonizioni sulla vita e sulla vanità del mondo, molti punti di dottrina morale, molto più veri e molto più solidi di quelli che oggi si sentono dai pulpiti. Grande sventura davvero, che si trovino migliori documenti per la vita nei versi di un poeta laico e pagano, che nelle prediche di un oratore cristiano, e molte volte, oltre che cristiano, religioso!

Disse poco san Paolo nel parlare di commedia, perché vi sono molti sermoni che non sono commedie, ma farse. Può darsi che salga sul pulpito un predicatore di quelli che si professano morti al mondo, vestito o avvolto in un abito da penitenza (che tutti, più o meno ruvidi, sono da penitenza; e tutti, dal giorno che li indossiamo, sono sudari); l'aspetto è spaventoso, il nome riverito, la materia angosciante, la dignità d'oracolo, il posto e l'attesa impongono il silenzio; e quando questo si spezza, che cosa si sente? Se in questa platea ci fosse uno straniero che non ci conoscesse e si vedesse entrare quell'uomo a parlare in pubblico con tali vesti e in tale luogo, si aspetterebbe di sentire le trombe del Cielo, che ogni sua parola fosse un fulmine sui cuori, che dovrebbe predicare con lo zelo e con il fervore di un Elia, che con la voce, con il gesto e le azioni, dovrebbe ridurre in polvere e ce-

nere i vizi. Questo si dovrebbe aspettare lo straniero. E noi, che cosa vediamo? – Vediamo uscire dalla bocca di quell'uomo, vestito a quel modo, una voce molto artefatta e molto raffinata, e subito cominciare con molto abbandono, a fare cosa? – A motivare cortesie, ad accreditare impegni, a raffinare sottigliezze, a lusingare precipizi, a risplendere aurore, a sciogliere cristalli, a svenire gelsomini, ad acconciare primavere, e altre mille sciocchezze come queste. Non è questa una farsa degna di risate, se non fosse invece il caso di piangere? Nella commedia il re veste come re e parla come re, il servitore veste come servitore e parla come servitore, il rustico veste come rustico e parla come rustico; ma un predicatore, che vesta come religioso e parli, come... non lo voglio dire per rispetto del luogo. Poiché il pulpito è teatro, e il sermone commedia, almeno non faremo bella figura? Non dovranno le parole adeguarsi al vestito e all'ufficio? Così predicava San Paolo, così predicavano quei Patriarchi che si vestivano e ci hanno vestito con questi abiti? Non lodiamo e non ammiriamo la loro predicazione? Non siamo fieri di essere loro figli? E allora perché non li imitiamo? Perché non predichiamo come loro predicano? Da questo stesso pulpito ha predicato san Francesco Saverio, da questo pulpito ha predicato san Francesco Borgia, e io, che ho lo stesso abito, perché non dovrei predicare la loro dottrina, sebbene mi manchi il loro spirito?

X

Mi direte ciò che dicono a me, e che ho già provato, che se predichiamo così, ridono di noi gli ascoltatori, e non piace loro ascoltarci. Ma che buona ragione per un servo di Gesù Cristo! Che ridano e che non gli piaccia dunque, purché noi facciamo il nostro dovere. La dottrina di cui ridono, la dottrina che loro disprezzano, è proprio quella che dobbiamo predicare loro, proprio per questo, perché è più utile e per loro la più necessaria. [...]

Che piaccia dunque o non piaccia agli ascoltatori! Oh che preoccupazione tanto indegna! Quale medico bada al piacere del malato, quando si tratta di dargli salute? Guariscano senza gusto; si salvino con l'amaro in bocca, per questo siamo medici delle anime. Quali vi sembra che siano le pietre sopra le quali è caduta parte del grano del Vangelo? Spiegando la Parabola, Cristo dice che le pietre sono coloro che ascoltano la predica con piacere: *Hi sunt, qui cum gaudio suscipiunt verbum*. Dunque sarà bene che agli ascoltatori piaccia e che alla fine rimangano pietre? Non piaccia ma si commuovano; non piaccia ma si spezzino; non piaccia ma ne traggano frutto. Questo è il modo in cui ha dato frutto il grano che è caduto sulla buona terra: *Et fructum afferunt in patientia*, concluse Cristo. [...]